

Este documento compõe parte de um levantamento de textos, publicações, pesquisas e um variado conjunto de materiais textuais produzidos pelo Núcleo de Pesquisa do Museu Afro Brasil. Atuante desde 2007 e integrado por diferentes pesquisadores, o núcleo de pesquisa dedica-se a investigar temas relacionados ao acervo do Museu, bem como estende suas atividades aos demais núcleos de atuação no interior da instituição.

**POR FAVOR**, tenha em consideração que este texto pode ter sido utilizado para fins específicos no interior da instituição, isto é, dentro de contextos pontuais da dinâmica museológica. De qualquer modo, sua publicação almeja contribuir para o acesso por pesquisadores e estudantes a temáticas e campos ainda pouco explorados.

## Como citar esse texto:

BEVILACQUA, Juliana Ribeiro da Silva. Na Presença dos Espíritos: Arte africana em perspectiva. São Paulo: Museu Afro Brasil, 2010. Disponível em: [<CITAR FONTE ONLINE>]. Acesso: [CITAR DATA]

## Na Presença dos Espíritos: arte africana em perspectiva

**Resumo:** Análise sobre os usos e interpretações dos objetos de arte africana no ocidente. Este texto foi originalmente publicado no catálogo da exposição “Os Mágicos Olhos das Américas” ARAUJO, E.(Org.) *Os Mágicos Olhos das Américas* São Paulo: Museu Afro Brasil, 2012. pp.66-73.

**Palavras-chave:** África, Arte Africana, Museus, Juliana Ribeiro da Silva Bevilacqua, Museu Afro Brasil.

Arte da Africa, Artes da Africa, Arte Africana. São muitas as denominações e conceitos utilizados para tentar definir a produção material do continente africano. As dificuldades de se encontrar uma unanimidade entre os estudiosos no que diz respeito à definição do que seria arte africana refletem, na verdade, a própria complexidade e diversidade dessa enorme produção. De maneira geral, arte africana é um “rótulo” usado pelos estudiosos para se referir

às artes plásticas e visuais de povos ao sul do Saara, especialmente das regiões da África ocidental e central.

Um dos fatores que contribui para a dificuldade em definir a cultura material da África é que a história da arte africana está basicamente atrelada à presença dos europeus nesse continente. Assim, as obras que chegaram aos museus europeus foram produzidas por culturas específicas, principalmente aquelas que firmaram contatos com os ocidentais, dando a impressão que todo o resto do continente não produz arte. É possível perceber, portanto, uma predominância, nos museus e coleções, de obras procedentes da África ocidental e central. Além disso, a produção realizada em séculos anteriores ao contato com europeus continua sendo uma incógnita, salvo quando escavações arqueológicas encontram objetos que acabam mudando o paradigma da história da arte africana como o caso das esculturas de Nok e Ifé.

Os sistemas de datação, como a termoluminiscência, fixaram a cronologia das célebres cerâmicas da cultura Nok entre os séculos VII a.C e IX d.C. Já as cabeças de Ifé causaram um grande incômodo quando foram encontradas nas primeiras décadas do século XX por conta de sua beleza e superioridade técnica, fazendo com que estudiosos ocidentais afirmassem inicialmente que estas tinham sido obra de gregos e não de africanos. De qualquer forma, foram entre os séculos XII e XVII, que as peças consideradas mais importantes foram modeladas.

A “descoberta” das esculturas de Nok e Ifé pelos europeus foi fundamental também para o reconhecimento de que, além dos africanos terem “arte”, eles também possuíam competência técnica já em períodos mais antigos. É preciso ressaltar, no entanto, que a associação entre objetos africanos e a arte demorou vários séculos para ser realizada. Os primeiros objetos de cultura material oriundos desse continente chegaram à Europa para ocupar os gabinetes de curiosidades principescos em meados do século XV. Em fins do século XIX, as obras foram levadas para os museus europeus como exemplares de cultura material e não como “arte”. De meras curiosidades, esses objetos passaram a ter outro status: passaram a ser expostos para reforçar a imagem de seus locais de origem como culturalmente inferiores e justificar as ações coloniais de extrema violência.

Para se ter uma idéia da forma violenta com que esses objetos chegaram a Europa, o fluxo de objetos de origem africana era tão intenso que muitos museus europeus sofreram com a falta de espaço para armazenar tantas obras. O Museu de Berlim, por exemplo, possuía, em 1884, 7.388 peças enquanto que em 1914 esse número havia aumentado para 55.079 obras.<sup>1</sup> Isso

---

<sup>1</sup> DÖPCKE, Wolfgang. Como chegou a “arte africana” à Alemanha? Ideias sobre museus etnológicos e o colonialismo. Estudos Afro Asiáticos, Ano 26, n. 1, 2004. P. 47.

porque a Alemanha não possuiu uma forte tradição colonial se comparada à Inglaterra e à França.

Não foi também através de modernistas como Picasso, Matisse e Braque que a produção material africana obteve o estatuto de “arte”, apesar de inegavelmente ter sido esse grupo de artistas o grande responsável pela ampla divulgação dos objetos africanos como arte a partir de 1905.

A expedição punitiva encabeçada pelos ingleses em 1897 contra o reino do Benin, que resultou em um dos maiores saques de obras conhecidos na história da África, acabou tendo um importante papel na “transformação” da cultura material africana em arte. A produção saqueada, conhecida atualmente como arte da corte do antigo reino do Benin, causou admiração aos europeus, que ficaram impressionados com a qualidade artística das placas e cabeças em bronze feitas através da técnica conhecida como cera perdida.

O acesso a esses objetos resultou no que parece ser o primeiro título de livro onde a palavra arte aparece associada à produção material africana: *Ancient Works of Art from Benin*, escrito por A. Pitt-Rivers, em 1900.

O século XX foi, portanto, um marco nos estudos de arte africana, ocorrendo o seu florescimento, bem como começaram a ser constituídas as grandes coleções particulares. Mas, apesar dos avanços, há ainda muitas reflexões e revisões a serem feitas sobre o tema. O próprio estudioso belga de arte africana Jan Vansina chegou a afirmar que os estudos de arte africana estão ainda em sua infância.

Primeiramente, grande parte dos manuais e compêndios de História Geral da Arte ainda não inclui capítulos que tratam da Arte africana. Mesmo quando mencionada, esta aparece intimamente associada aos artistas modernistas já citados anteriormente. Isto é, raramente a arte africana é tratada de maneira autônoma. Uma das grandes questões é que esses manuais possuem ampla divulgação e são utilizados como referência nas mais importantes universidades com alunos de graduação em artes visuais, que acabam perpetuando a visão de que apenas o ocidente possui arte.

Dessa forma, enquanto há um “esquecimento” da arte africana nos grandes tratados, muitos estudiosos do tema se utilizam de ferramentas de análise de arte ocidental que terminantemente não trazem contribuições para o estudo das obras africanas e não colaboram para a construção de um pensamento onde a produção artística da África apareça de forma autônoma, desvinculada dos padrões ocidentais utilizados tradicionalmente na compreensão da arte.

Termos como “rococó”, “barroco” e “cubismo” constantemente são utilizados para rotular máscaras e estatuárias africanas, bem como “abstracionismo” e “naturalismo”. É bastante compreensível a dificuldade de se encontrar termos próprios para o entendimento desses objetos, porém, o que ocorre é que na maioria das vezes essas nomenclaturas são utilizadas como formas de legitimação de uma produção que ainda é considerada “primitiva” e “selvagem” por muitos, inclusive por estudiosos. Ou seja, o objeto de arte africana parece ganhar um novo status e agregar valor apenas quando associado aos parâmetros da arte ocidental.

Num outro caminho e não menos problemático, se encontram os estudiosos que não conseguem desvincular as produções artísticas africanas de seu próprio contexto, como se o objeto não bastasse em si mesmo e não pudesse ser entendido a partir de suas características formais e estéticas. Obviamente, é de extrema importância entender o objeto a partir de seu local de origem, já que nas vitrines dos museus essas produções perdem o seu sentido completo. Os padrões geométricos com cores contrastantes de uma máscara, por exemplo, são certamente mais bem compreendidos quando esta está em movimento, no momento da dança. É notório que o artista que esculpe a máscara está a todo tempo pensando no efeito e ritmo que ela pode ter quando em ação. Porém, dar sentido ao objeto exclusivamente quando este está ligado ao seu contexto de produção é ressaltá-lo apenas como objeto etnológico.

Dessa forma, entende-se que é preciso ampliar o olhar para a arte africana, pois as produções artísticas desse continente carregam em si um conceito, uma idéia de totalidade que precisa ser levada em consideração. Ao se deparar com um objeto de arte africana é necessário que a pergunta não seja apenas “Para quê?”: para quê ela serve, para quê era usada. É preciso também perguntar a esses objetos “Por quê?”: por que das formas, das linhas, das proporções.

É preciso também observar nessas obras a mão individual do artista, mesmo que identificá-lo possa ser tarefa impossível. Esses mestres são grandes exemplos de que a arte africana não se resume a uma grande “massa” de objetos repetidos, cujos autores simplesmente reproduzem quase que instintivamente o que é feito há séculos em sua cultura.

Os diversos ateliês existentes dentro de um mesmo grupo étnico são também os grandes responsáveis pelos diferentes estilos. Jan Vansina afirma, por exemplo, que entre os Suku da região do Kwango é possível identificar quatro estilos independentes, enquanto que entre os Pende são identificados três.<sup>2</sup>

Talvez o ateliê que mais se destacou na África central foi o de Buli (antigo Zaire), reconhecido por fazer estatuárias com a face alongada. Alguns estudiosos chegaram mesmo a afirmar que

---

<sup>2</sup> VANSINA, Jan. *Art History in Africa*. Nova York: Longman, 1995. P. 89

todas as produções desse ateliê foram criadas por um único artista, denominado “mestre de Buli”. Esse artista, de origem Luba, é talvez um dos maiores exemplos de que é possível dar uma personalização ao objeto. Ainda hoje, as suas produções, espalhadas por museus do mundo, são amplamente reconhecidas e admiradas.

A ênfase no uso e na funcionalidade do objeto de arte africana contribui exatamente para encobrir a autoria do artista e alimentar cada vez mais a crescente indústria da chamada “arte de aeroporto”, cujos produtores, por conta de uma intensa demanda de turistas, se preocupam menos com o estilo e padrões estéticos e muito mais em forjar um uso ou uma antiguidade dos objetos, através da aplicação de pátina e da agregação de elementos da natureza como terra e minerais. Além disso, essa insistência na funcionalidade do objeto acaba por reforçar a idéia de sociedades africanas primitivas e estáticas, ideia esta já há séculos cristalizada na mentalidade dos ocidentais.

As peças da Coleção Eduardo Couto são um prazeroso convite para exercitar esse olhar que vai além da função do objeto, já que a competência técnica e artística das obras é inquestionável, não devendo nada a muitas coleções de museus reconhecidos.

Essa coleção traz ainda uma grande diversidade de objetos, feitas por artistas de diferentes culturas, muitas delas raramente encontradas em acervos brasileiros como as máscaras Dan, Bembe, Lulua e Tabwa, além das estatuetas Songye, Kusu e Hemba.

E finalmente, é fundamental destacar ainda a importância da coleção estar fixada em terras brasileiras, afinal os contatos e vínculos seculares com o continente africano não despertaram em muitos brasileiros o interesse pela arte africana como despertaram em Eduardo Couto.

## Referências Bibliográficas

DÖPCKE, Wolfgang. Como chegou a “arte africana” à Alemanha? Ideias sobre museus etnológicos e o colonialismo. *Estudos Afro Asiáticos*, Ano 26, n. 1, 2004.

JAHN, Janheinz. *Muntu: Las Culturas Neoafricanas*. México: Fondo de Cultura Económica, 1963.

LEIRIS, Michel; DELANGE, Jacqueline. *Africa Negra. La Creación Plástica*. Madrid: Aguilar, 1967.

PUERTA, Ruth López-Diéguez (coord.). *Escultura africana en terracotta y pedra*. Espanha: Universidad de Valladolid, 2007.

VANSINA, Jan. *Art History in Africa*. Nova York: Longman, 1995.